



ÓRGÃO OFICIAL DO SANTUÁRIO DE NOSSA SENHORA DAS PRECES

Propriedade da
Irmadade de Nossa Senhora das Preces
Telefone 192 de Galizes

Director e Editor
P.º Mário Oliveira de Brito

Redacção e Administração
Aldeia das Dez — Oliveira do Hospital
Comp. e Imp.: «Gráfica de Coimbra»
Bairro de S. José, 2 — Coimbra — Telef. 2857



Comissão de Turismo

Na «Voz do Santuário» do mês de Outubro pedia que me dissessem onde morava o Turismo para lhe ir bater à porta, visto que é o Turismo que tem os cordelinhos das coisas bonitas.

Ora vai daí, alguém que sabe do assunto diz-me que no nosso concelho não há Comissão de Turismo, isto já eu sabia, que o assunto está nas mãos da Ex.ª Câmara, que é a ela que compete nomear a Comissão do Turismo do nosso concelho, isto é que eu não sabia e sendo assim cá estou a bater-lhe à porta.

O nosso concelho é rico em motivos turísticos.

É uma verdade que não precisa de ser provada. O muito digno Presidente da Câmara é natural e residente no concelho, conhece-o melhor do que eu e certamente desejará vê-lo progredir e torná-lo conhecido.

Alguns dos nossos concelhos vizinhos fazem render o seu peixe apesar de ser miúdo. Interessam-se, organizam-se, estudam e escolhem os motivos turísticos e espalham aos quatro ventos a sua fama e as suas glórias.

O nosso concelho ganharia o 1.º prémio em número e qualidade. De facto tem monumentos que só por si justificam a criação da Comissão de Turismo, por exemplo: Avô com as suas célebres varandas e o seu histórico castelo; Bobadela com os seus vestígios romanos; Lourosa com a sua igreja pre-românica; Oliveira do Hospital com a sua capela dos Ferreiros; e então que dizer deste Santuário da Senhora das Preces, o mais belo, o mais antigo, o mais célebre da nossa região. A Senhora das Preces só por si valia uma Comissão de Turismo.

Urge, pois, que a Ex.ª Câmara estude o assunto e que em breve seja criada no nosso concelho a Comissão de Turismo.

Se deseja que o Santuário de Nossa Senhora das Preces cresça, floresça, se desenvolva e progrida, ajude-o com as suas esmolas e ofertas.

PAZ DE CRISTO



Noite alta de frio inverno.

No curralito tosco e desabrigado, uma fogueirinha, lá ao canto, ajuda a passar a noite.

Meia noite.

A terra, o mundo desvairado, quedara no seu desvairamento louco para recomeçar daí a instantes.

Momento solene.

O céu abriu-se. Os anjos vieram trazer à terra uma mensagem desconhecida: «Glória a Deus nas alturas e na terra paz aos homens de boa vontade».

Porquê?

Estávamos em 25 de Dezembro. Era em Belém de Judá. Nascera Jesus Cristo.

Glória a Deus...

Paz aos homens...

Duas palavras novas que o mundo não estava habituado a ouvir.

Na Roma pagã, capital do mundo, os Césares subindo os degraus do seu orgulho faziam-se adorar como Deuses. A tanto pode descer a pobre razão humana na sua louca cegueira!

O orgulho e a ambição coroavam como virtudes máximas a frente dos imperantes da terra.

A guerra estendia o seu manto e assolava os povos, para subjugar-los, encadeando, pelo direito da força, os mais fracos ao carro triunfal dos mais fortes.

Esboço rápido — dois traços simples — de panorama do mundo de há 2.000 anos!

Por isso o mundo não compreendia aquelas estranhas palavras: *Glória a Deus —*

Paz ao homens...

(Continua na 2.ª pág.)

UM PEDIDO E UM AVISO

No desejo de melhorar os serviços de expedição da «Voz do Santuário» mandei fazer novas direcções as quais são impressas no próprio jornal. É um serviço mais limpo, mais rápido mas também bastante caro, pois segundo dizem cá os senhores da tipografia isto vai ficar para cima de dois mil escudos.

Ora acontece que algumas direcções vêm repetidas, outras vêm com nomes com letras trocadas e outras ainda faltam por distracção certamente dos senhores gravadores. Disto ficam os prezados assinantes avisados e agora vai o pedido que é o seguinte: todos os assinantes que receberem a «Voz do Santuário» em duplicado peço o favor de devolver um com a nota de REPETIDO. Convém mandar o jornal para se ver e saber o número para mais facilmente se poder encontrar. Os assinantes a quem faltar a «Voz do Santuário» agradeço que me enviem um simples postal a dizer que lhe falta para poder remediar.

Já foi um automóvel ao COLCURINHO

Pois é verdade. Por caminhos nunca dantes caminhados, ou melhor nunca dantes rodados já foi um jeep ao cimo do monte do Colcurinho.

A «Voz do Santuário» anunciou no mês passado que os Serviços Florestais tinham alargado e melhorado o caminho. O Sr. Dr. Vasco de Campos não esteve com meias medidas: agarrou no seu jeep, chamou pessoas amigas e lá foi ele serra acima até pertinho da capelinha do Colcurinho, conquistando a glória de ter sido o primeiro automobilista que subiu até ao cimo daquele monte de maravilha.

Diga-se de passagem que a aventura foi feliz, mas ainda é um pouco perigosa. É que o caminho em alguns sítios precisa de ser mais alargado e tornado mais suave em alguns pontos. Mas esperamos que os Serviços Florestais tomem isto à sua conta e que dentro em breve não só os jeeps mas qualquer carro possa lá ir ao alto. É uma questão de mais umas voltas no caminho e nas contas. De resto não há mais dificuldades.

Parabéns ao Sr. Dr. Vasco de Campos pela sua feliz aventura. É assim mesmo: dos fracos não reza a História.

Conversando

A tia Rosa, Deus nos acuda, que é quem pode, porque senão... eu até dou em tola. Isto assim não é viver com um homem daqueles...

— Vens hoje muito aflita, amiga Rosária. Querem ver que viste lobos na serra.

É certo, é. Dos lobos da serra não me importo eu.

Mas aquele meu homem, aquele desenganado, aquele preguiçoso... eu nem sei o que diga. Até já perdi a paciência com tal valdevinos.

— Olha, Rosária, mas isso tem um remédio fácil: é dizeres ao Sr. Prior que te a aumente na igreja, porque lá costumam aumentar as coisas perdidas.

— Eu, tia Rosa, só lá iria, se o Sr. Prior me desse uma receita para nos descasarmos, porque, verdade verdadinha, eu não posso viver nem mais uma hora com aquele entorna copos.

— Ora deixa lá, mulher...

O diabo nunca há-de ser tão feio como tu o pintas.

Ora diz lá porque é que assim falas.

É certo, é. Se eu lhe contasse tudo não chegariam nem três anos com três meses.

Ainda no domingo, já altas horas da noite, depois de andar todo o santo dia a romper os fundilhos das calças pelos bancos da taberna, chegou-me a casa que parecia um odre de vinho.

Depois, se ele fosse para a cama, curti-la... mas é o vais... põe-se para lá a ralar comigo, com as filhas, nada está bem. Ontem à ceia até me partiu alguns pratos.

E tu que fizeste?

Apanhaste os cacos e calaste a buzina!...

— Eu, para lhe dizer a verdade, estava tão enraivada, tão cega, tão levada da breca, que agarrei uma travessa de arroz e atirei-lhe com ela à cabeça. Fiquei sem o arroz, lá isso é verdade, mas fiquei consoladinha.

— Isso é uma vergonha; bem vêes que parece mal a mulher andar às turras com o homem.

— Pois sim, ainda agora mais essa... era o que faltava. Quando nos casámos tanto prometi eu como ele e então se ele quer fazer de mim um zabumba eu faço dele um tambor.

— Valha-te Deus, rapariga. Tu bem sabes que não é com vinagre que se apanham moscas e que assim vocês nunca fazem farinha.

— Qual farinha nem qual farelo! Venha ele cá com aqueles landuns, bêbado que nem uma cabra, e ainda a querer tirar palha comigo, que eu amasso-lhe os farelos nas costas. Força ainda chega para ele e de língua não lhe fico atrás...

— Olha, rapariga, sabes que mais? Se tu quisesses, eu dava-te um remédio santo, um remédio sagrado que ali tenho guardado num armário e que, estou certa, há-de modificar o teu homem.

— Ó tia Rosa, por quem é... do céu venha ele... custe o que custar... ainda que eu fique sem nada... mas que me dê o sossego à minha casa.

— Pois bem, Rosária, a ti não te levo nada, tanto mais que já o ali tenho desde que comprei o quintal da eira, mas está fresco como se viesse agora da farmácia.

— Muito agradecida, tia Rosa, é mais um favor que lhe fico a dever...

— Bem, deixa-te lá dessas coisas e ouve o que te vou dizer:

Tu levas esta garrafa e deves ter o maior cuidado em a teres em sítio

bem guardado, onde os teus filhos lhe não cheguem; todos os dias à noite antes da ceia, sem que o teu homem veja, tu deitas na sopa uma colher deste remédio, e quando ele começar a praguejar tu vais num instante, mas sem ele ver, e deitas na boca um pouco do remédio mas não deves engulir nem depois abrir a boca e só deitas fora quando ele já estiver mais manso.

Durante o dia, se ele começar a barafustar, tu fazes a mesma coisa, isto é, deitar o remédio na boca.

Faze isto todos os dias e verás que daqui a uns quinze dias o teu homem já não parecerá o mesmo.

— Ele assim será, tia Rosa; se assim for não haverá coisa mais certa...

— É isto mesmo, rapariga, faz o que te digo e daqui a quinze dias vem dizer-me o resultado. Quando o remédio se acabar, manda cá buscar mais.

Passados quinze dias vai a Rosária muito satisfeita a casa da tia Rosa.

— Ó tia Rosa, vocemecê é uma santa, com certeza. Deus lhe pague e lhe leve a alminha para bom lugar quando morrer.

— Então que tal?

— Nem é bom falar... aquilo foi remédio sagrado, lá isso foi. Já não parece o mesmo. Sabe? Ao princípio, nos primeiros dias, ele ainda resmungou, estrabuxou; ainda para lá pintou o caneco. Eu bem lhe queria dar o troco; às vezes até parecia que arrebatava, mas nem abria a boca com medo de deitar o remédio fora. Se a tia Rosa ainda por aí tiver mais...

— Pois tenho, sim, Rosária, e tu também lá deves ter muito, porque o remédio era água simples do poço do quintal, e fez muito bem ao teu marido porque primeiro te tapava a boca a ti.

Portanto, se queres viver sempre em paz com o teu homem, faz sempre o que fizeste estes dias: quando ele começar a ralar e a barafustar e a pintar o diabo, tu enche a boca d'água, cala-te e pronto.

HISTÓRIA DO SANTUÁRIO de NOSSA SENHORA DAS PRECES

A venda em Coimbra na
«Casa do Castelo», em Oli-
veira do Hospital, na casa
«Júlio dos Santos» e no
Santuário

Alvoco de Várzeas

Foi nomeada professora oficial da Escola do sexo masculino desta localidade a sr.^a D. Floripes Baptista, natural de Coimbra. Desejamos-lhe muitas felicidades.

— Está em organização uma secção da Acção Católica. Oxalá que a Juventude Agrária Católica seja nesta freguesia uma realidade.

BAPTIZADOS — Na Igreja Paroquial desta freguesia foram baptizados os meninos Fernando Guilherme Lopes, filho dos srs. Cândido Mendes Lopes e Silvina da Conceição, e Maria de Lourdes Alves Diães, filha dos srs. João Dias e Maria José Alves.

Oxalá que sempre sejam muito felizes.

Padre Nosso

Pai nosso, que estais no Céu
A reger o infinito,
Que Santificado seja
O vosso nome bendito!

Venha a nós o Vosso reino,
Que é cheio de eterna graça,
Porque a vida neste mundo
É triste nuvem que passa.

Faça-se a Vossa vontade
Na terra e nos Céus, sem fim;
O pão nosso, cada dia,
Nos dai hoje e sempre assim.

Perdoai nossas ofensas,
Que nós, Senhor, nem sabemos
Pedir p'ra nos perdoardes
Tantos pecados que temos.

Lá porque mal perdoamos
Ser do próximo ofendidos
Uns e outros esperamos
De ser por Vós absolvidos.

E não nos deixeis cair
Em tentação. Dai-nos luz.
Senhor, livrai-nos do mal.
Assim seja! — Amen, JESUS!

JOSÉ LOURENÇO

S. Vicente da Beira.

PAZ DE CRISTO

(Continuado da 1.^a)

Passam 2.000 anos.

O canto dos anjos repercute-se e é repetido no eco dos séculos...

O mundo ouve... o mundo ignora.

O orgulho e a ambição apresentam-se ainda como virtudes...

A história da humanidade continua a manchar-se de nódoas de sangue.

As guerras sucedem-se.

Os homens adoram as suas paixões. Numa ânsia desordenada de liberdade, tornam-se escravos dos seus instintos e vão dar aos outros homens aquela glória que só a Deus é devida.

Quem houve a palavra dos anjos?

Cristo é chamado nas Escrituras Sagradas o Príncipe da Paz.

Quis que o seu nascimento fosse celebrado com hinos de paz.

Aos seus discípulos deu como sinal e saudação a doce palavra «Paz».

A paz de Cristo — ele mesmo o disse — não é a paz ilusória e enganadora do mundo.

Só a paz de Cristo é paz verdadeira.

E só quando os homens quiserem abraçá-la, o mundo começará a trilhar o seu rumo verdadeiro.

Não há paz na sociedade sem que primeiro ela reina nas almas.

E a Paz reinará nas almas, quando nelas reinar a verdade: Jesus Cristo — Príncipe da Paz.

JOÃO PAULO

À beira do abismo

Diz a Sagrada Escritura que o número dos insensatos é infinito — *Stultorum infinitus est numerus*. — Refere-se principalmente aos loucos que preocupados com as bagatelas e futilidades do mundo, chafurdados no vício e esquecidos de Deus e de sua eternidade, vivem no pecado e arriscam assim a salvação da alma. Os insensatos, diz a Escritura, falam: *Comamos e bebamos, porque amanhã temos de morrer!* Vamos aproveitar as criaturas porque somos moços. *Coroemo-nos de rosas antes que se murchem.* E assim passam para a outra vida muitos destes loucos e vão acordar na eternidade, quando dirão desesperados: *Ergo erravimus! e entretanto... erramos!* Quando Santo Agostinho se referia a estes mundanos insensatos que só pensam em gozar a vida e se esquecem da eternidade, dizia: *«Oh! vós sois mais extravagantes do que incrédulos. Que furor é este que vos seduz? Vossa linguagem não me seduz, ela me espanta...»*

Realmente, a gente que tem fé mais se espanta e compadece destes loucos do que se engana. Que loucura! Perder a alma, arriscar uma eternidade por uma vida de pecado e de prazeres pecaminosos que longe de saciarem, só trazem amarguras para a pobre alma! o pecador muitas vezes encontra-se à beira do abismo e não enxerga o perigo. Nossa vida está muita vez por um fio.

Um golpe e somos logo atirados na eternidade.

Três moços resolveram escalar uma montanha altíssima dos Alpes, numa bela excursão.

Atingiram a um píncaro majestoso sobre um abismo enorme que se abria aos seus pés. Lá, num dos pontos da rocha, em um lugar perigoso, encontram um ninho de águias. Um deles teve a ideia de tirar os filhotes e levá-los para os criar em casa. Como chegar ao ninho? Amarrou-se a uma corda e os companheiros o suspenderam sobre o abismo, bem junto da rocha e do ninho das águias.

Estava já tocando no ninho, quando chegam as águias e investem furiosas sobre o intruso que lhe ia roubando os filhotes; o moço armado de um facão, ia dando golpes e decepou a cabeça de uma delas. Depois para se defender, dava golpes à direita e à esquerda. De repente, notou com espanto que havia cortado uns fios da corda que o suspendia sobre o abismo.

Estava suspenso por uns poucos fios que já ameaçavam partir-se. Deu um grito de espanto e rogou aos companheiros que depressa o retirassem, se já não fosse tarde. Mediu a profundidade do abismo sob seus pés, sentiu tal medo, abalou-se tanto que, ao chegar em cima tinha os cabelos brancos...

Viu o abismo e a morte por um fio...

Meditemos bem! Não é esta a nossa condição neste mundo? Não estamos pendentes por um fio tão frágil que é esta vida terrena? Não se pode morrer a cada instante? Se meditássemos bem, não seríamos tão insensatos e tão imprudentes, brincando no pecado sobre o abismo da eternidade.

A. B.

Condições de Assinatura por ano

A *Voz do Santuário* que se publicará uma vez por mês terá duas categorias de assinantes:

Simple assinantes — 10\$00
Assinantes benfeitores — 20\$00
Estrangeiro — 20\$00

N A T A L

Aconteceu naqueles dias que saíu um édito de César Augusto para que fosse recenseado o povo romano, recenseamento que foi feito por Cirino governador da Síria.

E iam todos recensear-se cada um à sua cidade.

E subiu também José desde a Galileia, da cidade de Nazaré, à Judeia, à cidade de David que se chamava Belém, porque era da casa e família de David, para se recensear com Maria, sua esposa, que estava para ser mãe.

Aconteceu porém que estando ali completaram-se os dias em que devia dar à luz. E deu à luz o seu filho primogénito e o envolveu em panos, e o reclinou em uma mangedoura, porque não havia lugar para eles na estalagem.

Naquela mesma região estavam uns pastores, guardando, nas vigílias da noite, o seu rebanho.

Eis que se apresentou junto deles um anjo do Senhor, e a claridade de Deus os cercou de resplendor e tiveram grande temor. O anjo lhes disse:

Não temais: eis que vos anuncio um grande gozo, que o será para todo o povo, porque hoje vos nasceu, na cidade de David, o Salvador que é o Cristo Senhor.

Este é o sinal para vós: achareis um menino envolto em panos e deitado em uma mangedoura.

Súbitamente juntou-se ao anjo uma multidão da milícia celeste, louvando a Deus e dizendo:

Glória a Deus no mais alto dos céus e paz na terra aos homens de boa vontade.

Depois que os anjos os deixaram para voltarem para o céu, os pastores diziam uns aos outros: vamos a Belém e vejamos o que é isto que sucedeu e que o Senhor nos mostrou.

Vieram a toda a pressa e acharam Maria e José e o menino deitado na mangedoura.

E vendo conheceram a verdade do que lhes havia sido dito acerca deste menino.

Todos os que ouviram se admiraram do que lhes haviam referido os pastores.

Maria, porém, conservava todas estas palavras, recordando-as no coração. Os pastores voltaram para os seus rebanhos glorificando e louvando a Deus, por tudo o que tinham ouvido e visto.

S. Lucas, 11

REBUSCO...

VII

«OLHAI OS LÍRIOS DO CAMPO...»

E quando tudo adormecia, excepto o rumor das ondas, que velavam, — acalentava o sono do órfão e o desamparo do pobre.

Era a luz, orientando o barco que porventura se perdesse ao longe. Depois, — quando o sol coloria as suas criaturas, os vegetais e as pedras, — fazia bailar as gaivotas e cintilar as conchas nas areias, para entreter o pequenino pária, sem brinquedos...

Levava a música das flores, na música dos ventos, — aos descamisados, — como se fora a flor do campo contendo todo o aroma dos vergeis do mundo!

Aura de frescura, quando a febre escalda. Mão que escrevia a mensagem, orvalhando esperança.

— Porque «o meu jugo é suave»... — disse Ele, ainda.

Ensinava o gesto do perdão; guiava o cego. Lembrava, «as aves do Céu», que não semeiam, nem segam, e colhem. Harmonizava as dissonâncias; da urze, pisada, se compadecia. Ao pecador, perdoava; ao humilde, exaltava. Se visse as plantas tenras fustigadas pelos vendavais, — sofria. Subjugava a fera mais brava, com o seu olhar dulcíssimo.

— Era o bálsamo dos perseguidos.

Inspirava o artista, a transformar as lágrimas em símbolo de esperança, nos astros pálidos da noite silenciosa; e as seculares árvores repartindo asilo, frescura, sombra, cânticos de ninhos, — fontes que jamais cessariam de cantar...

Ordenava, — e os mortos caminhavam novamente. Curavam-se as chagas dos vivos. Concitou um justo a punir a pecadora, — e não o encontrou.

Sua figura esmaecida, pura, de voz mansa, — queria perto a pureza das criancinhas.

— Um dia teve o fim do predestinado. Não chegou a fenecer: — em apogeu, — glória mais alta o reclamava.

E o mundo cobriu-se de trevas, e de trevas se cobrirá, — enquanto memória houver.

Porque o Maior, — o que atravessará séculos e séculos em luz, — desceu à Terra, como descem implumes os passarinhos: em palhas humildes.

— Então, — uma Estrela cintilou. Poderosos Reis vindos do Oriente, ofertavam ouro, incenso e mirra ao Menino cândido, — que prometia a «paz aos homens de boa vontade», — nos braços de Maria Imaculada, — na noite longínqua de Belém.

Senhora do Colcurinho

Senhora das Necessidades
Do monte do Colcurinho,
Guiai a Deus nossos passos
Indicai-nos o caminho

Que nós devemos seguir
Toda a vida até à morte;
Pois aquele que em vós confia
Sente-se sempre mais forte

E nas horas dolorosas
Quantas vezes a chorar
Chama por vós Mãe Piedosa
Para o virdes consolar.

Quando subo ao Formarigo
E olho para o nascente
Vejo a vossa capelinha
Toda linda e alviniente.

Está ali a atestar
A fé do povo Beirão
E daqueles que lá bem longe
Sentem por vós devoção.

E o zelo de um pastor
Com sua mão restauradora.
Lá do alto desse monte
Pedi por nós Mãe Senhora.

Relva Velha.

ANTÓNIO GONÇALVES MATIAS

ANEDOTAS

Ponderavam dois rapazes quanto é esquisito o tacto dos cegos.

— Na minha terra há um cego que joga as cartas e conhece admiravelmente os naipes só com tocá-lhes com a mão.

— Isso não é nada. Na minha terra há outro cego que passa a mão pelo lombo de um cavalo e diz logo: Este é branco, este é pardo, este é negro.

— É prodigioso! E adivinha sempre?

— Nem uma só vez!

A senhora para a sua nova criada:

— Olha, rapariga, deita a água suja pela janela, mas vê onde cai.

Passado pouco tempo ouvia-se na rua uma ladainha de palavras ameaçadoras.

— Que é isso, rapariga?

— É que fiz o que a senhora me mandou.

— E tiveste cuidado de olhar?

— Sim, senhora, e vi que caiu sobre um polícia!

O marido — Como é hoje dia dos teus anos, ofereço-te uma caixa de vinho do Porto...

Esposa — Ó filho... mas bem sabes que eu não gosto de vinho.

— Não tem dúvida. Eu bebo-o à tua saúde.

CONCURSO DE ADIVINHAS

Solução da 7.ª adivinha:

a letra R

Adivinharam os senhores António Gonçalves Matias, Relva Velha; Bonifácio dos Reis Gama, S. Vicente da Beira; José Augusto Quaresma, Fórnia; D. Hermínia Martins Ventura, Oliveira do Hospital; Manuel Pereira, de Santa Ovaia; D. Albertina Quaresma Macedo, Lisboa; D. Maria da Ascensão, Lisboa; Eduardo António Alves, Lisboa; D. Ana de Moura Hall, Coimbra; Fausto Ferrão da Rocha, Lagares da Beira; Raul dos Santos, Padrão; D. Maria Laura da Cunha Chaves, Póvoa de Midões; João Augusto Branco dos Santos, Vila Nova de Oliveirinha; D. Ilda de Jesus, Luadas; e Telmo de Lemos Lopes, Oliveira do Hospital.

A esta adivinha houve respostas curiosas: uns que era a água, outros que era o sino, e outros que era o sol. Uma menina de Lisboa disse que era o luar; outra diz que é lisboeta, que tem 14 anos, que não conhece Aldeia das Dez e deve ficar com muita pena de não ter acertado. Um concorrente cá de perto diz que era a neve e por isso ficou branquinho, e um outro concorrente dos lados de Cebola disse que era a agulha.

Solução da 8.ª adivinha:

os alcatruzes das noras de tirar água

Adivinharam portanto os Senhores Bonifácio dos Reis Gama; António Gonçalves Matias; Aníbal de Sousa; Manuel Freire dos Santos, Olímpia de Figueiredo, António Luiz Dias, José Augusto Quaresma, D. Hermínia Martins Ventura, Manuel Pereira, D. Albertina Quaresma Macedo, D. Maria da Ascensão, Eduardo António Alves, D. Ana de Moura Hall, Manuel Martins de Pinho, Fausto Ferrão da Rocha, Raul dos Santos, D. Maria Laura da Cunha Chaves, João Augusto Branco Fontes, D. Olinda Correia das Neves, D. Ilda de Jesus, José das Neves Madeira, Telmo de Lemos Lopes, D. Ar-

minda Paula Miguel Curto e Mariana Pinheiro Ribeiro.

Dois concorrentes disseram que era o vinho.

Por extravio da correspondência chegou-nos tarde as respostas à 6.ª adivinha e que vinham certas D. Ana de Moura Hall e Moisés Pereira Baptista.

O concorrente José das Neves Madeira pede aos senhores de Santa Ovaia que mandem notícias da sua Terra para a «Voz do Santuário». Aqui fica o recado.

9.ª Adivinha

O meu pai tem duas pontas mais ou menos afastadas; com as pontas anda à roda e com elas dá passadas.

Não tenho pés nem cabeça, princípio e fim também não; quem não sabe geometria não me sabe a dimensão. Quereis fazer uma ideia? Olhai para a lua-cheia.

10.ª Adivinha

Há quem se sirva de nós Geralmente p'ra falar E se algum de nós tem dor É sofrer e não bufar, O meu senhor que tem dois E cada um de seu lado Nunca consegue juntá-los E nem vê-los com cuidado. Quando ele se senta à mesa Nós sentamo-nos também, Mas é má educação, Não fica bem a ninguém.

Senhores concorrentes: até ao dia 20 esperamos as vossas respostas.

Com estas adivinhas terminamos o concurso.

No mês primeiro já serão publicados os nomes dos premiados. Que é que é?

UM GRANDE SINAL

Ferviam as perseguições contra a Igreja nascente. O Mestre tinha-as predito. Os apóstolos não ficaram surpreendidos.

O imperador Domiciano arre-messou para uma das ilhas mais isoladas do Mediterrâneo o Discípulo Amado.

E lá viveu, não se sabe quanto tempo, o maior confidente de Jesus.

João Evangelista tinha recebido o Espírito Santo no dia do Pentecostes, e o Espírito Santo ensinou-lhe toda a verdade.

Na ilha de Patmos, o mesmo divino Espírito revelou-lhe o futuro, em visões que constituem uma das fontes da revelação: a Sagrada Escritura.

Que viu a Águia de Patmos?

Um grande sinal apareceu no céu: uma mulher vestida de sol, tendo a lua debaixo dos pés, e em volta da sua cabeça uma coroa de doze estrelas.

Essa mulher «é a Imaculada Virgem Maria, elevada pela grandeza dos seus méritos acima de todos os coros dos anjos, até ao trono de Deus.»

Essa mulher «esmagou, debaixo do pé da sua virtude, a cabeça da antiga serpente.

Colocada entre Cristo e a Igreja, arrancou sempre o povo cristão às maiores calamidades, e há-de dignar-se ainda dissipar as terríveis tempestades de que a Igreja é assaltada de todas as partes.»

Assim falava o imortal pontífice Pio IX que definiu dogmáticamente a verdade da Imaculada Conceição da Virgem Santíssima.

O mistério da Imaculada Conceição é uma luz que se projecta através do espaço e do tempo para mostrar ao espírito humano estas duas grandes verdades: O homem é miséria, e Jesus Cristo é grande.

I

O homem é miséria. O pecado condenou à morte todo o ser humano. Maria Santíssima foi isenta do pecado desde a sua Conceição, e por isso mesmo não é para admirar que não tenha pago tributo à morte.

O homem contraiu a mancha original só pelo facto de ser concebido, foi herdeiro dum pecado de origem. O olhar de Deus repousa sobre Maria, assim como as complacências do seu coração.

Enquanto todos os homens clamavam como ovelhas errantes: *Ai de nós que pecámos*, Maria clamava diante dos homens e de Deus: *Quando eu era pequenina já agradava ao Altíssimo.*

II

Jesus Cristo é grande, é o rei imortal dos séculos.

Porque ele é Santo, é que Maria é imaculada.

Uma águia da oratória francesa do século passado deixou ao mundo este documento imorredouro que comemora as grandezas de Jesus reflectidas em Maria: «Deus não pôde abandonar a Satanás, nem por um só instante, este templo sagrado que destinava ao seu Filho, este santo tabernáculo onde Ele

havia de tomar um repouso tão grande e tão admirável.

O Filho de Deus bendito, diremos nós, saudando de longe o Salvador, não consentais que a Vossa Mãe deixe de ser imaculada nem que seja por um momento.

Maria já é Vossa Mãe, e Vós já sois seu Filho.

Era mãe segundo os designios de Deus, segundo as regras da sua Providência, segundo as leis da eternidade imutável, para a qual nada é novo.

Admiremos a pureza desta Mãe sempre Imaculada, destinada por Deus a dar carne e sangue redentor ao Redentor do mundo.

RODRIGUES AMADO



Cruzeiro do Colcurinho a 1.240 metros



NO SANTUÁRIO

INVOCAÇÃO

Romeiro, sobe à Montanha,
Repoisa — se vens cansado:
Senta-te à porta do Templo,
Põe o bordão a teu lado.

Descerra o coração,
Tua alma, teu trofeu...
Neste cume da Montanha,
— Estás mais perto do Céu.

Dobra o joelho em terra,
Contempla sem sobressalto...
Faz as tuas orações
O coração bem ao alto...

Olha, agora, o Horizonte!...
Com ternura, emoção!...
Já viste coisa mais bela,
Na «Obra da Criação»?

Nossa Senhora das «Pressas» (1)
Que, com «pressa», escutais;
O fervor das Preces feitas
Por vossos filhos mortais...

Virgem Maria do Ermo,
Ó Mãe das Necessidades!...
Aqui venho — peregrino,
Para matar saudades.

E também p'ra suplicar,
Das elevadas Alturas:
O perdão das minhas faltas,
Coragem nas desventuras.

Adeus Promontoria Sacro!...
— Em beleza não tens par:
Quem te visitar um dia
Outro dia, há-de voltar.

Casal de Sebastião, Novembro, 1952.

C. B.

(1) A gente da Beira, menos culta, por corruptela de linguagem, diz Senhora das «Pressas».

Assinaturas pagas da «Voz do Santuário»

Com 10\$00 pagaram a sua assinatura os senhores:

António Pedro Diniz, Covilhã; José Mendes Dias, Chão Sobral; António Augusto Pinheiro, Tapadas; Manuel Mendes Figueiredo, Aldeia das Dez; Francisco Álvaro, Lisboa; Alfredo Mota, Aldeia das Dez; D. Maria Manuela Monteiro, Covilhã; Maria de Jesus Pereira, Aldeia das Dez; Maria Cândida, Aldeia das Dez; D. Josefa Pereira da Gama, D. Preciosa Pereira da Gama e D. Eugénia Pereira da Gama, das Casarias; Francisco Gomes Diniz, Lisboa; D. Laurinda dos Santos Diniz, Manuel Diniz e pessoal da respectiva casa, Lisboa; Valentim dos Santos, Avelar; Manuel Diniz Pais, Cimo da Ribeira; Armando Lourenço da Costa, Barrôja; António Dias, Chão Sobral; António Damásio, Grammaça; Aires Rodrigues Quaresma, Lourosa; D. Laura Soares, Penamacor.

Com 15\$00 Manuel Freire dos Santos, Carregado.

Com 20\$00 os senhores P.º António Marques Freire, Tábua; Augusto Diniz, Covilhã; Sebastião Alves da Cunha, Gavinhos; José Madeira Teles, Coitena; P.º Luiz Alves de Campos, Lagos da Beira; Venâncio..... de S. Gião; Manuel Dias e D. Rosária Mendes, da Argentina; e D. Maria Tavares Antunes, Fiais da Beira.

A «Voz do Santuário» não faz cobrança. Continua a confiar na generosidade, na dedicação e pontualidade dos seus presados assinantes. Como o dinheiro é a mola real esperamos que os atrasados se não esqueçam. Se não souberem como se paga e a quem, é muito fácil: pega-se numa notita de 20\$00, corta-se a direcção que vai no jornal (que é para os nomes darem certos) mete-se tudo dentro de um envelope e envia-se para o Director da «Voz do Santuário — Aldeia das Dez. Estejam descansados que cá vem ter tudo.

O ateu que reza

Volney, célebre incrédulo, fazia com alguns amigos uma viagem por mar de Baltimor a Nova York.

De súbito levantou-se um vento terrível e o pequeno navio, que levava a fina flor dos incrédulos dos dois mundos, esteve prestes a naufragar.

No meio de tamanho perigo, cada qual pôs-se a rezar. Volney começou também recitando, conforme ainda sabia, algumas *Avé Marias*, com um fervor edificantíssimo.

Logo que o perigo passou alguém perguntou-lhe:

— Faça favor de me dizer a quem dirigia o senhor as suas orações, quando sustenta que Deus não existe?

Responde o sofista:

— A gente pode ser incrédulo à banca de estudo, mas no meio duma tempestade tão grave, isso é impossível.